

Opinião

Ana Carolina Marques
Unidade Cidade Nova

Graciliano é incontestavelmente um dos grandes nomes da literatura brasileira. Sua visão de mundo está diretamente relacionada à sua trajetória pessoal e profissional, marcada por “uma série de desastres: mudanças, intrigas, cargos públicos, hospital, coisas piores e três romances fabricados em situações horríveis, Caetés, São Bernardo e Angústia”. (Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro, p. 123, EDUFBA, 2008). Alguns o consideram um autor difícil, que descreve a realidade de forma aguda e incisiva.

Essa é uma forma de ver a literatura de Graciliano. Mas, para além da crueza de sua escrita, está o lirismo e delicadeza, perceptíveis somente aos olhos e corações mais atentos. Ele não se vale muito de abstrações ou descrições conceituais acerca de seus personagens e das situações que estes enfrentam. Ao invés disso, ele nos mostra a vida como muitas vezes se apresenta: dura e aflitiva. Suas obras são profundas e pungentes porque não amenizam os conflitos e os sentimentos de seus personagens.

A leitura talvez não fluirá com a rapidez a que estamos acostumados. É muito provável que isso ocorra, em virtude do impacto que cada palavra, cada frase, cada parágrafo nos causará.

Sobre o autor

Graciliano Ramos nasceu na cidade de Quebrângulo (Alagoas), em 1892. Fez seus estudos secundários em Maceió. Não cursou nenhuma faculdade.

Em 1914 foi para o Rio de Janeiro trabalhar como revisor dos jornais Correio da Manhã e A Tarde. Em 1927 foi eleito prefeito da cidade Palmeira dos Índios. Ficou no cargo por dois anos, renunciando em 1930. Mudou-se para Maceió, onde assumiu a direção da Imprensa Oficial e da Instrução Pública do Estado.

Estreou na literatura em 1933 com o romance Caetés. Em 1934 publicou o romance São Bernardo e em 1936 publicou Angústia. Nesse mesmo ano, foi preso, acusado de participar do movimento de esquerda. Foi libertado em janeiro de 1937, retratando esse período no livro Memórias do Cárcere.

Em 1945 ingressou no partido comunista. Em 1951 foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores. Em 1952 viajou para os países socialistas, experiência descrita na obra Viagem.

Graciliano Ramos morreu no Rio de Janeiro, em 1953, vítima de câncer do pulmão.



COLÉGIO
SANTA MARIA

www.santamaria.pucminas.br/biblioteca



DICA DA BIBLIOTECA

Nº 002

Abril/2015

CONHECENDO A LITERATURA BRASILEIRA



<http://orlandosiveira1956.blogspot.com.br/2014/03/caricaturas-graciliano-ramos.html>

Graciliano Ramos

Apresentação

A Dica da Biblioteca é uma coletânea de folhetos contendo resenhas, informações biográficas e curiosidades sobre os grandes nomes da literatura brasileira.

Neste fascículo, o autor destacado é Graciliano Ramos e as obras escolhidas são Vidas Secas, São Bernardo e Memórias do Cárcere.

Boa leitura!

Memórias do Cárcere

Ana Carolina Marques
Unidade Cidade Nova

A história contada em *Memórias do Cárcere* é autobiográfica e retrata o período em que Graciliano esteve preso sob a alegação de que estaria envolvido com práticas comunistas. Mas o fato é que essas acusações não foram comprovadas.

A obra divide-se em dois volumes que nos mostram um período sombrio da história brasileira - a Ditadura do Estado Novo, instituída por Getúlio Vargas. Todavia, algo que está presente é a descrição de tipos humanos, os mais diversos, e o comportamento destes diante das agruras e atrocidades a que estavam submetidos. Trata-se de uma obra pungente, que esmiúça as condições dos presos e das cadeias no final da década de 30.

Surpreendente é perceber que, passados quase 80 anos, muito do que é descrito por Graciliano, como as condições insalubres e precárias das instalações prisionais no Brasil, permanece inalterada.

O autor descreve magistralmente as características físicas do local onde esteve preso, mas também os complexos e variados lados da natureza humana. Conhece indivíduos que se embursecam pelas condições a que estão submetidos e outros que, mesmo imersos em uma realidade cruel e hostil, conseguem demonstrar sentimentos nobres, como compaixão e esperança.

Trata-se de um relato de um homem que se manteve firme aos seus princípios e valores, conservando-se sereno e equilibrado, apesar das adversidades. Suscita reflexão acerca de como lidamos com nossos semelhantes e com os infelizes que se apresentam em nossas vidas.

Vidas Secas

Simone de Souza Santos
Unidade Nova Suíça

Uma obra extraordinária que narra a seca do sertão e a secura humana, transformando a realidade árida e sombria em uma verdadeira obra de arte.

Retrata a vida de uma família de retirantes nordestinos que são obrigados a se deslocarem de tempos em tempos para fugir da seca e da fome que castigam a região.

A família é composta por Fabiano, um homem rude e de poucas palavras, que às vezes vê a si próprio como um animal; Sinhá Vitória, a esposa, mulher de fé e trabalhadora que sonha em ter uma cama de couro para dormir; o Menino mais velho, que queria saber ler e escrever, e o Menino mais novo, que queria ser um vaqueiro como o pai; a cadela Baleia, que é a personagem mais humana da história e, ainda, o papagaio que não sabia falar, só latir, porque esse era o único som que ouvia.

Publicado em 1938, é considerado um dos melhores livros de Graciliano Ramos, um clássico da literatura brasileira que denuncia fortemente as mazelas do povo nordestino. Uma leitura riquíssima quanto ao estilo, à qualidade literária e indispensável a qualquer leitor.

São Bernardo

Luciene Aparecida Costa Cezario
Unidade Floresta

No romance *São Bernardo*, o autor nos apresenta um narrador personagem que coloca o ato de escrever em discussão, expondo como ele planeja contar sua história. Faz uso de uma linguagem seca, formada por frases curtas e adjetivas – típica de um homem rústico.

Paulo Honório é um homem ambicioso, que acumulou bens de modo frio e, agora, solitário. Escreve sua história, refletindo sobre seu passado e em busca de um sentido para a vida. Não se recorda de sua infância, trabalhara duro na enxada até seus dezoito anos, quando se envolveu numa briga e foi preso.

Na prisão, aprendeu a ler e, quando o soltaram, só pensava em ganhar dinheiro. Levou uma vida difícil, sem lugar fixo para morar e, por fim, resolveu estabelecer-se em sua terra natal. Sem medir esforços para alcançar seus objetivos, ele finge ser amigo de Luís Padilha - herdeiro da Fazenda São Bernardo. E ao envolver o jovem em dívidas, consegue ser dono da propriedade em que trabalhou.

Paulo Honório construiu uma vida baseada em relacionamentos de interesse. Incapaz de atribuir sentimentos e sensibilidade às suas ações. Se o caracterizamos pelo verbo "ter", sua esposa Madalena é o inverso, caracteriza-se pelo "ser". Essa contradição gera vários conflitos entre o casal, culminando em uma tragédia.

Vale a pena ler essa obra e conhecer mais sobre o personagem central, vivenciar o conflito do opressor, daquele que, mesmo sem falar dos seus próprios defeitos, os revelam através da sua relação com o mundo e com as pessoas ao seu redor.